



A RAPOSA E O BODE NO POÇO

(A raposa e o bode no poço– Ch. 40)

(<https://www.youtube.com/watch?v=XNC38jIirL8&t=18s>)

Fernanda Israel-Pio

Objetivos da aula

É comum que os seres humanos se coloquem em situações delicadas e pouco favoráveis na ânsia de satisfazer desejos. Nesta aula trabalharemos essa dinâmica a partir da fábula “A raposa e o bode no poço” de Esopo, compreendendo como ela e a maioria das fábulas de Esopo é estruturada e como as personagens, que reúnem virtudes e vícios humanos e se envolvem numa narrativa que se assemelha a outras narrativas que atravessam diversas culturas e tempos diferentes.

A raposa, que nesta fábula é esperta, malandra e de pensamento rápido se mostra um símbolo transcultural dessas características. Os indígenas

nativos Norte Americanos costumavam caracterizá-la como *jester*, *trickster*, que poderíamos traduzir como brincalhona e trapaceira, o povo Moche no Peru retratava uma divindade com as formas de uma raposa e caracterizava-a como guerreira, que tinha como arma não a força física, mas a mente. Nas fábulas de Esopo quase sempre se dá bem por utilizar essas virtudes a seu favor, de maneira estratégica e individualista.

O bode, que é fisicamente forte e resistente é apresentado com características de ingenuidade e pouca inteligência o que também é comum em outras narrativas. Na *Revolução dos Bichos* de George Orwell, por exemplo, Sansão é um cavalo muito vigoroso, totalmente apto fisicamente para ser uma força contra a dominação dos porcos sobre os outros animais, no entanto é ingênuo e ignorante, e por isso morre servindo cegamente.

Na fábula que trabalharemos, a raposa ciente da sede do bode se aproveita dessa necessidade para articular sua fuga do poço. O bode é seduzido pela promessa de sanar sua sede e não calcula as consequências de se meter num lugar de difícil acesso, sua descida é exatamente o que permite à raposa sair do poço (escalando seu lombo). A raposa astuta se dá bem e o bode ingênuo fica preso no poço.

Roteiro da aula

A FÁBULA DE ESOPPO:

A raposa e o bode no poço (Ch. 40)

Uma raposa, ao cair a um poço, ficou ali, presa e incapaz de subir. Ora um bode, castigado pela sede, quando surgiu junto ao poço, ao ver a raposa perguntou-lhe se a água estava boa. Então ela, feliz com a circunstância, elogiou demasiadamente da água, dizendo que era boa, e aconselhou-o a descer. Então o bode desceu rapidamente, tendo em mente apenas o seu desejo, logo que acalmou a sede, procurava com a raposa a melhor subida, e esta disse, ao refletir sobre a salvação de ambos: “Pois se quiser apoiar firmemente as patas dianteiras no muro e inclinar os chifres, eu salto apoiada no teu lombo e depois te puxo para fora.” De imediato o bode submeteu-se, complacente pela segunda parte da proposta.

A raposa, subindo pelas suas patas, saltou sobre o lombo e segurando-se nos chifres chegou à boca do poço e saiu. Como o bode a censurou pelo descumprimento do acordo, a raposa voltou-se e disse: “Olha só, se tivesses tantos miolos na cabeça quanto tem pelos na barba, não terias descido antes de encontrares uma forma de subir.”

Da mesma forma devem também os homens prudentes considerar primeiro o fim dos seus atos e em seguida dessa maneira colocá-los em prática.

(Tradução adaptada a partir da tradução de André Malta (Esopo. Fábulas. São Paulo, Editora 34, 2017).

PARA ENTRAR NA FÁBULA DE ESOPPO

Responder a algumas perguntas sobre a fábula irá nos ajudar a compreender melhor o sentido e o desenvolvimento dela:

1. A fábula parece composta de 3 partes/segmentos diferentes. Saberá identificá-los e descrever qual a diferença entre eles?
2. Toda história de desenvolve a partir de um problema. Qual o problema que move esta fábula?
3. Como poderia descrever a atitude da raposa e do bode diante dos seus problemas?
4. Quantas morais da história tem esta fábula?
5. O que podemos dizer da moral da história indicada ao final em *itálico*? Ela deriva de fato da fábula? É possível concordar com ela?
6. Vamos tentar pensar em outra moral ou morais para a história? Para isso, vamos ler a história sem as morais, isto é, cortando o final da fábula a partir de “Como o bode...”. Qual o sentido ou os sentidos da história?

PARA AMPLIAR AS LEITURAS

C.1 Capítulo 12 das Aventuras de Pinóquio

Carlo Collodi. Tradução de Marina Colossanti. Editora Companhia das Letrinhas. 2002.

No dia seguinte, Tragafogo chamou Pinóquio de lado e lhe perguntou:

- Como se chama o seu pai?

- Gepeto.

- Qual é a profissão dele?

- Ser pobre.

- Ganha muito?

- Ganha tanto quanto é necessário para não ter nunca um centavo no bolso. Imagine que para me comprar a cartilha da escola teve que vender o único paletó que vestia, um paletó que, entre remendos e cerzidos, era uma chaga só.

- Pobre coitado! Me dá quase pena. Tome aqui cinco moedas de ouro. E vá logo entregar a ele e cumprimenta-lo efusivamente de minha parte. Pinóquio, como é fácil imaginar, agradeceu mais de mil vezes ao titereteiro, abraçou uma a uma todas as marionetes da Companhia, inclusive as gendarmes, e sem caber em si de contentamento começou a viagem de volta para casa.

Mas ainda não havia andado meio quilômetro, quando encontrou no caminho uma Raposa manca de um pé e um Gato cego dos dois olhos que iam andando devagar, ajudando-se um ao outro como bons companheiros de desventura. A Raposa, que era manca, caminhava apoiando-se no Gato. E o Gato, que era cego, deixava-se guiar pela Raposa.

- Bom dia, Pinóquio – disse-lhe a Raposa, cumprimentando-o gentilmente.

- Como é que sabe o meu nome? - perguntou ele.

- Conheço bem o seu pai.

- Onde você o viu?

- Eu o vi ontem, na porta de casa.

- E o que fazia?

- Estava em mangas de camisa e tremia de frio.

- Pobre pai! Mas, se Deus quiser, de hoje em diante não vai mais tremer.

- Por quê?

- Porque eu me tornei rico.

- Rico, você? - disse a Raposa. E começou a rir com uma risada insolente e debochada. E o gato ria também, mas para não demonstrá-lo alisava os bigodes com as patas dianteiras.

- Está rindo de quê?! - gritou Pinóquio ofendido. - Sinto muito, realmente, ter que lhes dar água na boca, mas essas aqui, se é que entendem do assunto são cinco lindíssimas moedas de ouro.

E tirou do bolso as moedas que havia recebido de Tragafogo.

Ouvindo o simpático tinir daquelas moedas, a Raposa, num movimento involuntário, esticou a pata que parecia crispada, e o Gato escancarou os dois olhos, que brilharam como duas lanternas verdes. Mas tornou a fechá-los logo, tanto que Pinóquio não percebeu nada.

- E agora - perguntou-lhe a Raposa -, o que você quer fazer com essas moedas?

- Antes de mais nada - respondeu a marionete -, quero comprar para o meu pai um belo paletó novo, todo de ouro e prata, e com botões brilhantes. E depois quero comprar uma cartilha para mim.

- Para você?

- É isso mesmo. Porque quero ir à escola e estudar para valer.

- Olhe só para mim! - disse a Raposa. Por essa tola mania de estudar perdi uma perna.

- Olhe só pra mim - disse o Gato. - Por essa tola mania de estudar perdi a visão dos dois olhos.

Naquele momento, um Melro branco que estava empoleirado numa sebe à beira da estrada, soltou seu assóvio e disse: "Pinóquio, não dê ouvidos aos conselhos dos maus companheiros. Senão vai se arrepender!".

Pobre Melro, antes tivesse ficado calado! O Gato deu um salto enorme para cima dele e, sem nem lhe dar o tempo de dizer *ai*, engoliu-o de uma só bocada, com penas e tudo.

Assim que acabou de comê-lo limpou a boca e fechou novamente os olhos, recomeçando a bancar o cego como antes.

- Pobre Melro – disse Pinóquio ao Gato -, por que você o tratou tão mal?

- Foi para lhe dar uma lição. Assim, da próxima vez vai aprender a não meter o bico na conversa dos outros.

Já tinham feito mais da metade do caminho, quando a Raposa, parando de repente, disse para a marionete:

- Quer duplicar as suas moedas de ouro?

- Como assim?

- Quer transformar cinco miseráveis moedas em cem, mil, duas mil?

- Quem me dera! E de que jeito?

- O jeito é fácilimo. Em vez de voltar para casa, você teria que vir com a gente.

- E aonde vocês querem me levar?

- À Terra dos Patos.

Pinóquio pensou um pouco, depois disse decidido:

- Não, não quero ir. Agora já estou perto de casa e quero ir para casa, onde meu pai está me esperando. Quem sabe, pobre velho, como suspirou ontem vendo que eu não voltava. Infelizmente fui um mau filho, o Grilo-Falante tinha razão quando dizia: “Os meninos desobedientes não podem ter felicidade neste mundo”. E eu verifiquei isso à minha própria custa, porque me aconteceram tantas desgraças, e ainda ontem à noite, na casa de Tragafogo, corri muito perigo... Brr! Fico arrepiado só de pensar!

- Muito bem - disse a Raposa -, você quer mesmo ir para casa? Então vá pior pra você.

- Pior pra você! – repetiu o Gato.

- Pense bem, Pinóquio, porque você está jogando a sorte fora.

- Jogando a sorte fora! – repetiu o Gato.

- As duas cinco moedas, de hoje para amanhã, virariam duas mil.

- Duas mil! – repetiu o Gato.

- Mas como é possível que virem tantas? – perguntou Pinóquio boquiaberto de surpresa.

- Já lhe explico – disse a Raposa. – Fique você sabendo que na Terra dos Patos há um campo abençoado, chamado por todos Campo dos milagres. Nesse campo, você abre uma cova pequena e bota dentro, por exemplo, uma moeda de ouro. Depois tapa a cova com um pouco de terra, rega com dois baldes de água de fonte, joga em cima uma pitada de sal, e no fim do dia vai tranquilamente para a cama. Enquanto isso, durante a noite a moeda brota e floresce, e na manhã seguinte, quando você acorda e volta ao campo, o que é que encontra? Encontra uma linda árvore carregada de tantas moedas de ouro quantos são os grãos de trigo de uma bela espiga madura.

- Então – disse Pinóquio, cada vez mais surpreso -, se eu enterrasse naquele campo as minhas cinco moedas, na manhã seguinte quantas encontraria?

- É uma conta facilíssima – respondeu a Raposa -, uma conta que dá pra fazer na conta dos dedos. Vamos calcular que cada moeda dê um cacho de quinhentas moedas, você multiplica quinhentos por cinco, e na manhã seguinte está com duas mil e quinhentas moedas tinindo no bolso, novinhas em folha.

- Oh, que coisa maravilhosa! - gritou Pinóquio, dançando de alegria. – Assim que eu colher essas moedas, tiro duas mil para mil e as outras quinhentas dou de presente para vocês dois.

- Um presente para nós? – gritou a Raposa indignada declarando-se ofendida. – Deus te livre!

- Deus te livre! – repetiu o Gato.

- Nós – prosseguiu a Raposa – não trabalhamos por vil interesse. Nós trabalhamos unicamente para enriquecer os outros.

- Os outros – repetiu o Gato.

- Que pessoas ótimas! Pensou Pinóquio. E esquecendo no ato o seu pai, o paletó novo, a cartilha e todos os seus bons propósitos anteriores, disse para a Raposa e para o Gato:

- Vamos logo. Eu vou com vocês.

A história prossegue e no capítulo 18 Pinóquio vai com a Raposa e o Gato até a Terra dos Patos e no capítulo 19 é, claro, roubado pela dupla, fica sem suas moedas de ouro e ainda vai parar na prisão.

C.2 Annabelle 3: De Volta Para Casa

Gary Dauberman. Trailer em:

https://www.youtube.com/watch?v=-OFrNe_FYhc

Annabelle 3: De Volta para Casa segue os eventos de *Annabelle*, primeiro *spin-off* após *Invocação do Mal*. O filme mostra o casal de demonologistas Ed (Patrick Wilson) e Lorraine Warren (Vera Farmiga) prendendo a boneca possuída numa sala de artefatos amaldiçoados, sala que fica dentro de casa! Eles saem para alguma missão paranormal e deixam a filha pequena, Judy Warren (Mckenna Grace), sob a supervisão de uma babá Mary Ellen (Madison Iseman), que tem uma amiga Daniela (Katie Sarife) muitíssima interessada em se conectar com o mundo dos mortos. Por se sentir culpada pela morte do próprio pai e acreditar que se aproximando dos Warren poderia falar com ele novamente, Daniela ignora os diversos avisos para se afastar da sala de artefatos e acaba por libertar Anabelle.

APROPRIAÇÃO CONCEITUAL

Chegou a hora de tentarmos tirar as somas, por assim dizer, destas leituras e procurarmos levar para casa algumas ideias, ou pelo menos algumas sugestões para pensarmos mais sobre o assunto. Para isso, mais uma vez, pode nos ajudar procurar responder a algumas perguntas:

- a. Refletindo sobre a estratégia de manipular arditosamente o desejo alheio para a realização do próprio como as três histórias se relacionam?
- b. Refletindo sobre a possível moral da história, qual história parece mais próxima à fábula de Esopo? Quais são os pontos de aproximação?

- c. Nas duas histórias em que a raposa é personagem, qual o papel dela? Como ela trata o bode e Pinóquio?
- d. Vamos olhar para o final das histórias: como acabam as histórias? Alguma delas tem um final feliz?
- e. Vamos olhar para “a moral da história”: as quatro histórias possuem mensagens diferentes sobre o destino daqueles que são imprudentes? Quais são as diferenças entre as histórias?

PARA PENSAR MAIS

Da temática dos desejos e das consequências da consumação surgem diversas estruturas de pensamento sejam eles mitológicos, religiosos ou filosóficos. Escolhamos um ou dois deles e tentemos isolar em linhas gerais qual é a percepção do desejo e de como o ser humano deve se relacionar com ele a fim de evitar consequências negativas.

O Projeto AESOPICA - As fábulas de Esopo: filosofia, ética e sabedoria popular é um projeto de extensão da Cátedra UNESCO Archai do Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília.

O estudo das fábulas de Esopo engendra uma outra perspectiva sobre o debate relativo ao cânon da filosofia e a delimitação de seus textos clássicos e propõe uma reflexão sobre a leitura dos clássicos e o seu uso como instrumento de reflexão filosófica em sala de aula. De fato, a

construção da história da filosofia não se constitui em um ato neutro, mas de escolhas adotadas por aquele que o desenvolve. O clássico se define como tal na medida em que o reconhecemos, a partir de nossos pressupostos políticos e temporais, como o interlocutor relevante de nossos debates. De maneira especial a abordagem a textos da tradição popular e da transmissão oral colocará em debate o lugar da história da filosofia ocidental no interior da sabedoria de outras tradições, de maneira especial aquelas ameríndias, que serão estudadas em diálogo com as tradições populares gregas em sua influência sobre a moldagem do pensamento ético e filosófico ocidentais. Assim fábulas como as de Esopo, que de várias maneiras estruturam a cultura ocidental desde suas origens, serão abordadas criticamente. Serão utilizadas ferramentas filológicas para acessar seu sentido mais original e ferramenta historiográficas e dos estudos literários para compreender sua recepção ao longo da história do pensamento e da literatura ocidentais.

Coordenador: Gabriele Cornelli

Equipe: Arthur Sobreira, Erick Araujo, Erick D'Luca, Fernanda Pio, Henrique Fróes, Henrique Modanez de Sant'Anna, Mariana Belchior, Rosane Maia

Os vídeos do projeto Aesopica estão disponíveis no Canal Youtube da Archai:

<http://www.youtube.com/c/ArchaiUNESCOChairUniversidadeBrasília>

Contato: archai@unb.br